

MEMÓRIA, SABEDORIA, DIÁLOGOS E UM COMPRIMIDO DE GINKGO BILOBA

Guilherme Angerames Rodrigues Vargas¹

A pinça foi muito útil para aquele momento de libertação. Arrancar um pelo branco da face é se libertar por alguns instantes do medo do envelhecimento. Mas logo acima do lugar em que se estava o pelo extirpado fica evidente e chocante a pele enrugada, os poros mais abertos, a umidade e viço da face mantidos às custas da cosmética. E ainda só estamos analisando a casca.

Arrancar, hidratar, maquiagem, barbear, pinçar são fugas das evidências. O envelhecimento é indesejável porque é um contrassenso, pois quanto mais se ganha, maior é o risco de se perder. Com a maturidade ganha-se sabedoria, porém o padecimento do corpo torna-se uma constante ameaça. A todo passo dado no tempo ameaça-se perder a sabedoria por causa do corpo que se repõe, se refaz, mas uma hora cansa e padece.

Um senhor me contou sobre os acordos estabelecidos com seu filho, ainda criança. Eles compartilhavam o mesmo banheiro e o pai auxiliava o filho na sua higiene. Esses hábitos íntimos estreitam as relações e fortalecem os vínculos. Pelo espelho se olhavam e avaliavam o que cada um precisava dar atenção em seu corpo. As emoções de uma criança não são contidas e nem são disfarçadas; ele olha o pai e vê seus cabelos embranquecendo:

-Pai, você tá ficando velho.

Havia desespero nesse alerta. Havia inconformação.

-É filho, todo mundo envelhece. Você também cresceu. Isso é envelhecer também.

Ah! Mas essa não era uma justificativa que conformava o menino. O envelhecimento dele é um processo tonificante, de pura expansão física.

-Não, pai, você está ficando velho. Você não era assim. Se você for ficando mais velho, você vai morrer!

Os dois compartilharam a desconfortável dor da perda naquele momento. O que se faz? O que se fala quando os dois se abalam?

-Quem vai me ajudar, pai. Quem vai me ajudar aqui no banheiro. Eu não sei fazer sozinho. Eu não sei fazer nada sem você!

Este é o instante em que um ganha maturidade porque soube olhar as mudanças do mundo que o cerca. Também é o momento em que se ganha o medo. O pai passa a ver a perda diante de tudo que construiu com o filho amado.

¹ Profissional Técnico da Educação Superior da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) junto à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Conselheiro Municipal de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa em Cáceres-MT. Conselheiro Municipal de Cultura em Cáceres-MT. Mestre em Educação pela UNEMAT.

Olhar no espelho e desprezar o que vê, é não se conhecer. Nega-se no corpo o que a consciência não aceita como parte do “eu”. Nega-se no corpo a fragilização, que pode ser significada como a aproximação da morte. Um corpo fragilizado percebe menos da vida, sendo assim, é menos toque, menos cheiro, menos sons, menos gostos e menos cores e quando os sentidos se limitam, o mundo se atrofia.

A maturidade é benesse do envelhecimento, mas como evitar a deterioração do corpo e da mente sem tornar o envelhecimento uma fuga tensa. “A maior parte dos humanos, quando chegam a uma certa idade, temem e odeiam a velhice. É por isso que a maior parte envelhece mal e morre antes do tempo” disse o escritor italiano Giovanni Papini. “Envelhecer ainda é o único meio que até agora se encontrou para se viver bastante”, como disse o crítico literário francês Charles Augustin Saint-Beuve. Viver bastante é a única forma de se adquirir sabedoria e “como saber tudo sem envelhecer?” questiona o dramaturgo e ator Fernand Crommelynck.

Os autores dessas elocuições viveram no fim do Século XIX, na Europa, onde a longevidade começava a se tornar assunto em debate. Pessoas idosas passavam a ser parcela significativa da população, porém passaram a ser vistas como problema, devido as maiores necessidades e cuidados. Essa é a lógica social que nos leva a negar às pessoas mais velhas a imagem de sábias.

Conta um provérbio que um jovem questionou um sábio sobre como faria para ter sabedoria:

-boas escolhas, respondeu o sábio.

Mas como fazer boas escolhas:

-Experiência...

E como ter experiência?

-Más escolhas.

Um sábio é aquele que mais tem experiências na vida, e para ser mais sábio é necessário viver mais. Não existe uma sabedoria absoluta, pois tudo que se vive e se torna uma experiência e forma a sabedoria que temos. Todos somos sábios de nós mesmos e portanto somos mais sábios relativo ao nosso passado. Quando o Oráculo de Delfos afirmou que Sócrates seria o homem mais sábio de sua época, este pensador nos brindou com uma máxima, que pode ser resumida desta maneira: só sei que nada sei. O que se sabe é o mundo para si, mas não é nada diante das possibilidades de experiência que se possa ter.

Se engana quem busca sabedoria nos estudos universitários, pois não é na aquisição do conhecimento científico que se adquire a sabedoria. A sabedoria que se encontra nesses ambientes é adquirida nas relações que se vivencia. Uma universidade pode ensinar o que já é reconhecido como conhecimento, pode produzir seu próprio conhecimento através de pesquisa e ainda pode ela transformar sabedoria em conhecimento quando busca o mundo fora dos seus muros. Quanto mais sabedoria, mais valor tem o conhecimento.

Sabedoria é o maior tesouro que uma pessoa conquista em sua vida! Mas ela só pode ser acessada através da memória. A perda da memória bota em risco crítico o acesso à sabedoria. O que adianta saber se não se lembra o que se sabe. Dizia uma amiga, na madureza de suas experiências de vida, que o melhor remédio para memória era esse... esse...

-Ginkgo biloba?

-Isso, esse é o melhor!... Ginkgo biloba.

-Mas funciona mesmo?

-Funciona! É uma maravilha. Pra mim não deu muito certo porque eu esquecia de tomar...

Passei a tomar Ginkgo biloba. E cada comprimido ganhava uma dose de alegria. Como não lembrar do esquecimento dessa amiga. Ria sozinho feito bobo que sou.

Quem dera todo esquecimento se resolvesse com um comprimido de Ginkgo biloba.

As moléstias mais dolorosas são as que deterioram a capacidade de perceber. Perceber o outro, perceber a si mesmo; não se reconhecer diante do tempo e do espaço que ocupa. Buscamos uma razão para existir, e quando não nos reconhecemos, nossas causas vão junto.

Tanto tempo construindo relações, vivendo intensamente e, de repente, um olhar identifica que uma memória se foi. Estranha-se... Um nervosismo toma conta e testa-se a memória mais uma vez, na esperança de um equívoco corriqueiro. Um golpe desferido esse apagamento de uma memória comum entre pessoas que se amam... uma dor mortífera ser esquecido por alguém que estimamos. E há dor maior que quando uma pessoa querida esquece de si mesma.

A filha registra em vídeo sua interação com a mãe:

-Oi

-Oi, você é quem?

-Você não lembra quem eu sou?

-Você cuida tão bem de mim. Me dá comida, me dá remédio e ainda conversa comigo.

-Mas você gosta de mim?

-Gosto muito. Eu acho que você é minha mãe!

-Mas você é que é minha mãe.

-Mas eu queria muito ser sua filha.

Olhar e ver um corpo que age, que ainda interage, que lembra do passado remoto, mas que não sabe de fato quem é, não associa as pessoas do passado com quem convive atualmente. O Alzheimer deteriora a memória e destrói o afeto que foi construído intensamente, como na relação entre filha e mãe. Em parte vive-se, mas como o fruto apodrecido, a morte vem tomando conta. A única esperança encontrada para conviver é construir novas relações com a mesma pessoa. A cada momento uma nova vivência se ressignifica com alguém que já estava perdido.

Não há oportunidade de reviver, só é possível reconfigurar relações.

E insiste aquele filho que notou os cabelos brancos do pai:

-Pai, você tem que pintar os cabelos.

-Mas pintar é só um jeito de disfarçar, filho.

Havia um impasse entre eles. Desse instante em diante as coisas não poderiam ser mais da mesma maneira. Senhor da situação, mesmo que abalado, o pai havia de dar uma proposta:

-Então tá certo, filho. Eu pinto o cabelo, mas você precisa dar algo em troca. O que você acha?

-Vai ter que ser o que, pai? Eu não tenho nada.

-Já que você acha que eu posso partir a qualquer momento, é melhor você aprender a usar o banheiro sozinho. O que você acha?

-Então tá...

[...]

-Olha pai, já limpei o bumbum sozinho. Você tem que pintar o cabelo, e vai ter que ser hoje. Eu quero que você pinta de VERDE!

Nossas relações são feitas de tantas urgências, como as de uma criança. Urgências para aproveitar e viver mais em menos tempo. Mas ainda nos falta tanta paciência, como necessita uma pessoa idosa. Mais paciência para esperar que as vivências nos transborde de sabedoria e que o tempo não seja um fator importante.